



Editor responsável  
Felix Dane

Coordenação Editorial  
Reinaldo J. Themoteo

Revisão  
Cristiane Duarte Daltro Santos

Tradução  
Pedro Maia Soares

Capa e diagramação  
Charles Steiman  
Assistente Márcia Sasson

Impressão  
Oficina de Livros

---

N935r

Novak, Fabián  
As relações entre Peru e Brasil, 1826-2012 / Fabián Novak e Sandra Namihas. – Rio de Janeiro : Fundação Konrad Adenauer, 2013. 240 p.; 16 x 23 cm.

ISBN: 978-85-7504-181-9

1. Peru – Relações exteriores – Brasil. 2. Brasil – Relações exteriores – Peru. I. Namihas, Sandra. II. Konrad-Adenauer-Stiftung. III. Título. IV. Série.

CDD – 327.81085

---

Direitos reservados.

Proibida a reprodução deste livro por qualquer meio, total ou parcialmente, sem permissão expressa dos editores.

As opiniões externadas nesta publicação são de exclusiva responsabilidade de seus autores.

Konrad Adenauer Stiftung  
Rua Guilhermina Guinle, 163  
Botafogo – CEP: 22270-060  
Rio de Janeiro – RJ  
Tel: (0xx21) 2220-5441  
Fax: (0xx21) 2220-5448  
adenauer-brasil@kas.de  
www.kas.de/brasil

Fabián Novak  
Sandra Namihás

As Relações entre  
*Peru e Brasil*  
1826–2012



PONTIFICIA UNIVERSIDAD CATÓLICA DEL PERÚ

**IDEI**

INSTITUTO DE ESTUDIOS INTERNACIONALES



Konrad  
Adenauer  
Stiftung



*A meus queridos sobrinhos e afilhados,  
Cristóbal, Cayetano,  
Esteban, Stefano, Gianluca, Alexandra,  
Claudio, Alexandro, Tarek e Aissia.*

S.N.

*Para minha família e amigos.*

F.N.



## Agradecimento

Os autores deste livro desejam expressar seu especial reconhecimento à Fundação Konrad Adenauer e a seu representante no Peru, Michael Lingenthal, pelo apoio dado à realização deste projeto acadêmico, contribuindo com ele para o conhecimento e valorização de nossa história diplomática e, especialmente, para o fortalecimento de nossa relação de vizinhança.

Queremos também agradecer a colaboração de dois jovens assistentes de pesquisa do IDEI, Javier André Murillo Chávez e Claudia Castro Barnechea, que revisaram no Arquivo de Tratados do Ministério de Relações Exteriores do Peru todos os acordos internacionais assinados entre Peru e Brasil. Sua responsabilidade e diligência na pesquisa auguram-lhes um caminho exitoso na área internacional.





# Sumário

<b>Introdução</b> .....	11
<b>Antecedentes históricos da relação</b> .....	15
O estabelecimento de relações e os primeiros agentes diplomáticos.....	17
A definição dos limites e da livre navegação do Peru pelo Amazonas (1841–1909).....	22
O papel mediador do Brasil em conflitos do Peru com terceiros países (1910–1942) ...	42
Outros acordos internacionais celebrados entre o Peru e Brasil (1918–1945).....	46
<b>Do cordial desinteresse à busca de uma aproximação</b> .....	49
As décadas de 1950 e 1960.....	51
Os doze anos de ditadura militar no Peru (1968–1980) .....	55
O segundo governo de Fernando Belaúnde (1980–1985).....	64
O primeiro governo de Alan García (1985–1990) .....	67
A virada da política exterior brasileira e a aproximação com o Peru .....	67
O intercâmbio comercial .....	70
A década de Alberto Fujimori (1990–2000).....	72
A participação do Brasil no desacordo peruano–equatoriano e o Plano de Ação de Lima .....	72
O intercâmbio comercial .....	76
O investimento .....	80
<b>A construção e o aprofundamento de uma associação estratégica</b> .....	82
O governo de Alejandro Toledo (2001–2006) .....	82
A construção da aliança estratégica .....	82
O intercâmbio comercial .....	96
O investimento.....	99
A cooperação cultural .....	100
O segundo governo de Alan García (2006–2011).....	101
O aprofundamento da aliança estratégica .....	101
O intercâmbio comercial .....	112
O investimento.....	115
O turismo .....	117
A cooperação energética .....	117
O primeiro ano de governo de Ollanta Humala (2011–2012) .....	122
<b>Conclusões e recomendações</b> .....	125
<b>Notas</b> .....	127
<b>Bibliografia</b> .....	169
<b>Anexos</b> .....	176



## Introdução

Desde o início da República, o Peru teve consciência da importância e da dimensão do Brasil no contexto sul-americano e mundial. Prova disso são os esforços de nossas autoridades para estabelecer relações diplomáticas com esse país. Não obstante, foi somente na segunda década do século XX que se começou a fortalecer e aprofundar a relação, até que, em 2003, se conseguiu finalmente materializar a aliança estratégica com o gigante sul-americano.

Essa evolução positiva de nossas relações com o Brasil foi consequência de uma visão realista e pragmática de nossa política exterior, que internalizou os benefícios de uma associação profunda e diversificada com esse país.

O Brasil é o país mais extenso da América Latina, com 8.5 milhões de km<sup>2</sup>, representando 54,2% de todo o território da América do Sul; possui também a maior população dessa região, com mais de 192 milhões de habitantes, características que por si só o convertem em um país-continente. Do mesmo modo, tem um produto interno bruto (PIB) de mais de US\$1,5 bilhão, sendo a segunda economia do continente americano (depois dos Estados Unidos) e a sexta economia do mundo, tendo superado a Grã-Bretanha a partir de 2011.<sup>1</sup> Em termos de investimentos, as dimensões do mercado brasileiro fazem com que estejam presentes no país muitas das principais corporações transnacionais, especialmente a partir do retorno dos capitais estrangeiros nos anos 1990, depois da crise da dívida externa. Quanto ao comércio, o Brasil teve em 2010 um superávit na balança comercial de US\$ 26 bilhões, sendo seus principais destinos a China (US\$ 40,7 bilhões), Estados Unidos (US\$ 23,3 bilhões), Argentina (US\$ 20,9 bilhões), Holanda (US\$ 12,7 bilhões) e Japão (US\$ 8,6 bilhões).

Além disso, o Brasil se transformou em um importante ator político da cena regional e mundial. Sua liderança na região sul-americana se traduz na criação do Mercosul, da Unasul, do Conselho de Defesa Sul-Americano, do Anel Energético, entre outras iniciativas, além de sua influência política em países como Venezuela, Bolívia e Equador. O interesse brasileiro em fazer da Unasul um bloco capaz de resolver suas diferenças do mesmo modo que outros blocos regionais, além de aprofundar as relações econômico-comerciais que consolidem seu desenvolvimento, está na base desse projeto de integração. Como disse Celso Amorim:<sup>2</sup>

Com toda sinceridade devo afirmar que, embora o Brasil seja um país grande, é ainda pequeno em um mundo como o nosso [...]. É por isso que trabalhamos juntos no Mercosul, é por isso que estimulamos a Comunidade Sul-Americana, que ajudamos a criar [...].

Temos que fazer da América do Sul no século XXI o que a América do Norte fez no século XIX, com o objetivo de estabelecer a integração física de nossa região, de nosso continente. Como os Estados Unidos da América, a América do Sul deve ser capaz de negociar com o mundo.<sup>3</sup>

Por outro lado, o Brasil é percebido pelos Estados Unidos como um país líder, estável e estabilizador da América do Sul que, além disso, mantém uma excelente relação com o mundo europeu, a África, o Golfo Pérsico e a Ásia Central, convertendo-se “em peça-chave na articulação de nossa região com os países africanos (ASA) e com os países árabes (ASPA). É o único país da região que tem embaixadas em praticamente todos os países africanos e uma presença ativa permanente nos principais países asiáticos”.<sup>4</sup> Como se não bastasse, é um ator importante no G20 e aspira a um assento permanente no Conselho de Segurança da ONU. Além disso, o Brasil conta com as forças armadas mais numerosas, mais bem equipadas e mais desenvolvidas tecnologicamente da América do Sul, e com uma sólida indústria de armamento altamente competitiva com os mercados internacionais.

A tudo isso devemos acrescentar que é o vizinho com o qual compartilhamos nossa fronteira mais extensa (2.822.500 km), com que formamos o espaço amazônico mais extenso e com o qual ocupamos estrategicamente o centro do espaço sul-americano,<sup>5</sup> com possibilidade de acesso aos oceanos Atlântico e Pacífico. Precisamente, o Brasil começou a ver com maior atenção este último espaço marítimo, sobretudo a partir da crise financeira internacional e desde o momento em que a China se converteu no primeiro mercado de importação e exportação de produtos brasileiros. Isso torna o Peru ainda mais atraente, não só por ser fronteiro e por ter um conjunto de redes viárias de integração física com o Brasil, mas também porque o Peru se inseriu econômica e institucionalmente na Bacia do Pacífico. Assim, o Peru não só faz parte da APEC, como celebrou tratados de livre comércio com China, Estados Unidos, Canadá, México, Chile, Singapura e Coreia do Sul, além de Japão e Tailândia.<sup>6</sup> Ademais, o Peru apresenta claras vantagens em comparação com seus vizinhos na

saída para o Pacífico. Seus portos se encontram mais próximos do território brasileiro do que os de outros países vizinhos. Em especial, Ilo e Matarani estão mais próximos da zona de maior dinamismo amazônico do Brasil e seus corredores interoceânicos têm a vantagem sobre os de Chile e Equador de não exigirem a travessia de territórios de outros países para chegar ao Pacífico.<sup>7</sup> Por outro lado, deve-se levar em consideração que, durante o período 2002–2008, a participação da Ásia no intercâmbio comercial mundial do Brasil aumentou de 16,52% (17,794 bilhões de dólares) para 22,82% (84,701 bilhões), desbancando em 2008 os Estados Unidos, com 14,3% (53,051 bilhões) e até a União Europeia, cuja participação foi de 22,24% (82,573 bilhões).<sup>8</sup>

Por tudo isso, uma pesquisa sobre a evolução e projeção das relações diplomáticas entre Peru e Brasil é particularmente importante, tanto para compreender o estado atual da relação, como para identificar as ações que devem ser efetuadas no futuro para seu fortalecimento e consolidação, o que não somente redundará em benefício para as populações de ambos os países, como também para a integração sul-americana.